

Estudo KPMG Internacional “Never catch a falling knife”

Empresas da Ásia-Pacífico respondem melhor à recessão global do que as Europeias

- *Empresas no Japão, Singapura e Índia estão mais evoluídas no planeamento pós-crise;*
- *Empresas europeias inseguras com o futuro;*
- *Empresários portugueses continuam a olhar para o Estado como o principal interveniente responsável pelo combate à recessão;*
- *Mais de metade das empresas mundiais acredita que a recuperação económica começará já em 2010.*

Lisboa, 3 de Junho de 2009

Os empresários da região da Ásia-Pacífico estão a encarar a recessão mundial como uma oportunidade para efectuar grandes alterações na forma de desenvolver negócios, de modo a antecipar a emergência de novos mercados internacionais. Pelo contrário, na Europa, a maioria dos negócios estão ainda indefinidos quanto à forma como poderão responder à recessão global, conclui o mais recente estudo da KPMG Internacional, apresentado hoje mundialmente.

Portugal não foge a esta tendência, com 50 por cento das empresas em território nacional a dizerem que não planeiam - ou que ainda não tomaram nenhuma decisão para efectuar - quaisquer alterações às suas estratégias de negócio.

Quando se fala em soluções para fazer face à actual recessão mundial, as empresas portuguesas vêem no Governo o principal agente de mitigação do impacto da crise no mercado, nomeadamente através da sua política fiscal. Para 50 por cento das empresas inquiridas, a mitigação implica a redução dos impostos. Outras das respostas mais frequentes passa pela ajuda às PME's, através de incentivos e apoio financeiro (25 por cento), e a implementação de uma política fiscal mais rígida (15 por cento).

Quanto às medidas a adoptar para o controlo de custos, as opções mais referidas pelas 20 empresas portuguesas inquiridas são a redução da rede de fornecedores (55 por cento), a

optimização dos processos de negócio (40 por cento) e a redução dos quadros (30 por cento).

Em linha com a média global, 55 por cento dos inquiridos portugueses esperam que a situação económica recupere em 2010, sendo que 65 por cento das empresas adianta que planeia começar a investir já nos próximos 18 meses.

Em termos mundiais, o inquérito revela que quase 90 por cento dos empresários do Japão e 84 por cento da Singapura planeiam efectuar alterações radicais aos seus modelos de negócio na próxima década. Já na Índia, a percentagem de inquiridos com a mesma resposta é de 72 por cento, e na China é de 66 por cento.

No entanto, na Europa, apenas 20 por cento planeiam grandes alterações no modo como efectuam negócio. A grande percentagem de respostas a esta questão proveio da Irlanda, com 63 por cento de respostas.

Estes dados surgem no estudo “*Never catch a falling knife*”, efectuado junto a 852 gestores de topo situados em 29 países, levado a cabo pelo departamento global de Fiscalidade da KPMG Internacional. Os inquiridos são gestores de empresas de todos os sectores de actividade, com facturação anual entre os 185 milhões e os 3,7 mil milhões de euros.

“O que imediatamente captou a nossa atenção foi a percentagem de gestores que consideram que esta recessão é única e que nada das suas experiências passadas os pode ajudar a lidar com ela,” comenta Luís Magalhães, *Head of Tax* da KPMG em Portugal.

Globalmente, 15 por cento dos inquiridos tomou esta posição. No entanto, na Alemanha, na Itália e na Hungria, cerca de 40 por cento assumiu esta posição, em Portugal foi assumida por 10 por cento dos inquiridos “*o que sugere que há um grande número de empresas em países europeus à procura de uma estratégia para lidar com esta crise*”, acrescenta Luís Magalhães.

Na Europa, à semelhança da maioria das empresas portuguesas inquiridas, muitas depositam esperança no Governo para reestruturar as suas economias, particularmente através da melhor regulação do sector financeiro. No entanto, entre os Japoneses nenhum empresário tomou esta posição e em Singapura esta perspectiva foi assumida por apenas 8 por cento dos respondentes.



Media release

“Há claramente muitas empresas na Europa a planearem uma adaptação aos novos mercados, mas a diferença entre os países da Europa e os da Ásia-Pacífico no que toca à abordagem à recessão está bem acentuada”, sublinha Luís Magalhães. “Muitas das pessoas com quem falámos na Índia, na China e em Singapura vêem os problemas de hoje como parte de um processo normal de renovação e reorganização que caracteriza o desenvolvimento económico a longo prazo.”

“Never catch a falling knife” é um relatório pertencente ao estudo realizado pela área global de Fiscalidade da KPMG Internacional e apresentado no decorrer do 2009 Europe Middle East and Africa (EMA) Tax Summit, em Londres, entre os dias 2 e 4 de Junho de 2009.

O EMA Tax Summit é um encontro de Clientes, de parceiros e de firmas membro da KPMG, a nível internacional, para o debate de temas de interesse global, com especial enfoque na Fiscalidade. Acontecem cerca de duas a três vezes por ano, e os mais recentes tiveram lugar em Lisboa, Barcelona, Cidade do México, Pequim, Buenos Aires, São Paulo, Singapura e Berlim.

Para mais informação por favor consulte: <http://www.emetaxsummit2009.kpmg.com/>

Sobre a KPMG:

A KPMG é uma rede global de firmas profissionais que prestam serviços de Auditoria, Fiscalidade e Consultoria. Estamos presentes em 144 países com 137.000 pessoas a trabalhar nas firmas membro a nível mundial. As firmas membro da rede KPMG são filiais da KPMG Internacional, uma cooperativa suíça. Cada uma das firmas membro é uma entidade legal distinta e independente.

Em Portugal, operamos a nível nacional em três escritórios (Lisboa, Porto e Funchal) com 27 sócios e aproximadamente 700 colaboradores.

www.kpmg.pt

Para mais informação por favor contacte:

KPMG em Portugal

Catarina Ahrens Teixeira, *Media Relations*

Edifício Monumental - Av. Praia da Vitória, 71 - A 11º - 1069-006 Lisboa - Portugal

Telefone: +351 210 110 043

e-Mail: cateixeira@kpmg.com